

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS  
HUMANAS DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA  
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – LICENCIATURA**



**WASHINGTON PEDRO DOS SANTOS**

**A FORMAÇÃO SOCIAL NO BRASIL NA CONCEPÇÃO DE GILBERTO FREYRE,  
SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA E CAIO PRADO JÚNIOR**

**RECIFE, PE**

**2023**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS  
HUMANAS DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA  
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – LICENCIATURA**



**WASHINGTON PEDRO DOS SANTOS**

**A FORMAÇÃO SOCIAL NO BRASIL NA CONCEPÇÃO DE GILBERTO FREYRE,  
SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA E CAIO PRADO JÚNIOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do diploma de graduação e título de Licenciatura em Ciências Sociais, sob a orientação do Prof. Dr. Artur Fragoso de Albuquerque Perruci.

**RECIFE, PE**

**2023**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do  
SIB/UFPE

dos Santos, Washington Pedro.

A formação social no Brasil na concepção de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior / Washington Pedro dos Santos. - Recife, 2024.

40 p.

Orientador(a): Artur Fragoso de Albuquerque Perruci

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Ciências Sociais - Licenciatura, 2024.

1. Sociologia. 2. Formação social no Brasil. 3. Fundação. 4. Colonização. I. Perruci, Artur Fragoso de Albuquerque. (Orientação). II. Título.

300 CDD (22.ed.)

**WASHINGTON PEDRO DOS SANTOS**

**A FORMAÇÃO SOCIAL NO BRASIL NA CONCEPÇÃO DE GILBERTO FREYRE,  
SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA E CAIO PRADO JÚNIOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do diploma de graduação e título de Licenciatura em Ciências Sociais, sob a orientação do Prof. Dr. Artur Fragoso de Albuquerque Perruci.

Aprovado em: 06/03/2024

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Artur Fragoso de Albuquerque Perruci (Orientador)

Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. Aristeu Portela Júnior

Universidade Federal Rural de Pernambuco

---

Prof. Dr. Gabriel Moura Peters

Universidade Federal de Pernambuco

## **AGRADECIMENTOS**

De forma preambular agradeço a Deus. Agradeço-lhe pela minha vida e pela possibilidade de estar concluindo esta graduação. Sei que sem as suas orientações seria impossível para mim chegar nesse momento. Manifesto também os meus agradecimentos a minha esposa, Beatriz Santos, pelas orações constantes por mim e pelas palavras de apoio que em muitos momentos me oferecera no trajeto dessa graduação.

Agradeço com bastante alegria e perspicácia a minha mãe, a senhora Josália Galdino, pelas palavras de conforto, pelas orações e pelos incentivos que sempre me ofereceu ao longo dessa graduação. Externo também os meus agradecimentos a minha sogra, senhora Lilian, e a todos os meus parentes que em tudo me ajudaram naquilo que foi possível. Agradeço em especial a minha tia Vevinha pelas palavras de incentivo.

Agradeço ao Prof. Dr e orientador Artur Fragoso de Albuquerque Perruci pelas inúmeras recomendações acerca dessa monografia e pela atenção que sempre me concedeu e pela pontualidade em responder aos meus e-mails. Agradeço aos componentes da banca – Prof. Dr. Aristeu Portela Júnior e Prof. Dr. Gabriel Moura Peters – por terem aceitado o convite para compor a mesa de análise dessa monografia.

Agradeço ao corpo docente da UFPE e a coordenação das licenciaturas nas Ciências Sociais pela contribuição em tudo. Muito obrigado!

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar de uma forma pormenorizada, específica e clara a maneira como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior discutiram o modo como se deu a formação social brasileira. Deve-se pontuar a priori que não serão analisadas todas as obras desses cientistas e intelectuais brasileiros, contudo vão ser investigados documentos que foram escritos justamente para desenvolver o tema: formação social brasileira. As obras analisadas e discutidas de Gilberto Freyre neste trabalho são estas: *Interpretação do Brasil: Aspectos da Formação Social Brasileira como Processo de Amalgamento de Raças e Culturas* e *Casa Grande & Senzala*. Acerca de Sérgio Buarque de Holanda o livro analisado é este: *Raízes do Brasil*. Mais especificamente o capítulo tratando sobre o Homem Cordial. E de Caio Prado Júnior o documento investigado é o texto: *Formação do Brasil Contemporâneo*. Este trabalho não se enquadra em uma pesquisa de campo, mas a metodologia desenvolvida nele é bibliográfica e teórica. Por conseguinte, será analisado de forma sociologicamente histórica neste estudo como a nação brasileira se formou socialmente e de que maneira cada um desses autores mencionados perceberam o fenômeno da formação social. É óbvio que cada um deles se utilizou de métodos para isso. Gilberto Freyre com a ideia de Miscigenação e comunicação entre as raças. Sérgio Buarque de Holanda com certa influência Weberiana, mas também historicista. E Caio Prado Júnior com o seu materialismo histórico-dialético herdado de Karl Marx.

**Palavras-chave:** formação social brasileira; miscigenação; exploração; desenvolvimento histórico e social do Brasil.

## **ABSTRACT**

This paper aims to analyze in a detailed, specific and clear way the way in which Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda and Caio Prado Júnior discussed the way in which the Brazilian social formation took place. It should be pointed out a priori that not all the works of these Brazilian scientists and intellectuals will be analyzed, but documents that were written precisely to develop the theme: Brazilian social formation will be investigated. The works analyzed and discussed by Gilberto Freyre in this work are the following: Interpretation of Brazil: Aspects of the Brazilian Social Formation as a Process of Amalgamation of Races and Cultures and Casa Grande & Senzala. About Sérgio Buarque de Holanda the book analyzed is this one: Roots of Brazil. More specifically, chapter five deals with the Cordial Man. And by Caio Prado Júnior the document investigated is the text: Formation of Contemporary Brazil. This work does not fit into a field research, but the methodology developed in it is bibliographic and theoretical. Therefore, it will be analyzed in a sociologically historical way in this study how the Brazilian nation was socially formed and how each of these authors perceived the phenomenon of social formation. It is obvious that each of them used methods to do so. Gilberto Freyre with the idea of Miscegenation and communication between races. Sérgio Buarque de Holanda with a certain Weberian influence, but also historicist. And Caio Prado Júnior with his historical-dialectical materialism inherited from Karl Marx.

Keywords: Brazilian social formation; miscegenation; exploration; historical and social development of Brazil.

## SUMÁRIO

1. <u>INTRODUÇÃO</u> .....	9
2. <u>BIOGRAFIA DE GILBERTO FREYRE, SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA E CAIO PRADO JÚNIOR</u> .....	14
2.1 <u>Quem foi Gilberto Freyre?</u> .....	14
2.2 <u>Quem foi Sérgio Buarque de Holanda?</u> .....	17
2.3 <u>Quem foi Caio Prado Júnior?</u> .....	19
3. <u>O QUE GILBERTO FREYRE, SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA E CAIO PRADO JÚNIOR ESCREVERAM SOBRE A FORMAÇÃO SOCIAL BRASILEIRA?</u> .....	22
3.1 <u>Definindo as palavras: formação e social</u> .....	22
3.2 <u>O que escreveu Gilberto Freyre acerca da formação social brasileira?</u> .....	23
3.3 <u>O que escreveu Sérgio Buarque de Holanda acerca da formação social brasileira?</u> .....	29
3.4 <u>O que escreveu Caio Prado Júnior acerca da formação social brasileira?</u> .....	32
4. <u>HÁ ALGUM ELEMENTO EM COMUM NA DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO QUE OS AUTORES REALIZAM DO OBJETO FORMAÇÃO SOCIAL BRASILEIRA?</u> .....	36
5. <u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u> .....	38
<u>REFERÊNCIAS</u> .....	39

## 1. INTRODUÇÃO

Pensar na formação social brasileira é justamente refletir sobre um assunto bastante complexo dentro dos ramos das humanidades. A historiografia, por exemplo, vai se encarregar de pontuar como se deu no tempo esse fenômeno. Outra ciência como a sociologia vai investigar como as relações sociais se deram no processo de formação social, porém ela não vai ignorar, portanto, os dados historiográficos quando preciso para se compreender determinados fenômenos que não podem ser tocados ou vistos, não obstante apenas lembrados.

A priori deve ser destacado que tanto dados historiográficos vão ser totalmente relevantes para a finalidade deste trabalho quanto as discussões e investigações sociológicas serão necessárias para analisar o objeto de estudo deste trabalho que é a formação social brasileira. Não se deve concluir equivocadamente que este trabalho é uma obra, por ser de cunho teórico, não útil para a sociedade brasileira e para o meio acadêmico. Todavia, ao contrário disso ela amplia ainda mais o horizonte no campo reflexivo, destarte, acerca do objeto formação social brasileira.

Conforme Brito, Oliveira e Silva escreveram de uma forma acertada no texto: A Importância da Pesquisa Bibliográfica no Desenvolvimento de Pesquisas Qualitativas na Área da Educação: “Ao vislumbrar a pesquisa bibliográfica como uma ferramenta de interpretação da realidade, deve-se levar também em consideração a forma como o conhecimento se propaga na atualidade” (BRITO; OLIVEIRA; SILVA, 2021, p.13). Logo, esta monografia vai seguir essa forma metodológica de fazer científico.

Agora, um fato incontestável é o de que a formação social brasileira é um fenômeno que se deu no tempo e em um espaço específico. No entanto, o modo como seu deu já é outra variável. Então, no século XXI no Brasil é possível, pelo menos de forma comum, afirmar que há uma sociedade brasileira formada e que esta tem suas características e especificidades. Muitos sociólogos e antropólogos atualmente discutem o que é a sociedade brasileira e o que a faz ter as suas características.

No entanto, na primeira metade do século XX um número relativamente alto de escritores, intelectuais, sociólogos, historiadores e cientistas estava analisando como se deu o processo de formação social no Brasil. E além do tema formação social brasileira, diversos temas, como natureza, cultura, economia, psicologismo, patrimonialismo e muitos outros, estavam fervilhando na recente realidade republicana brasileira. Por conseguinte, as ciências

sociais brasileira estavam totalmente acesas.

Conforme Lopes, Barreto e Vital no texto *O Papel do Ambiente Natural no Pensamento Social Brasileiro: Contribuições a partir de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior*:

No âmbito do pensamento social brasileiro, várias narrativas destacaram como a natureza tropical exerceu uma influência sobre o ânimo social de um país em formação. Entre os intelectuais cujas ideias expressam essa perspectiva podemos destacar Sílvio Romero, Euclides da Cunha, Joaquim Nabuco, Alberto Torres, Paulo Prado, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Junior, Darcy Ribeiro, Roberto DaMatta. Cada um desses intelectuais, a seu modo, atribuiu à natureza um papel – integrador, determinista, econômico, desagregador, socializador, psicológico – na experiência de construção do Brasil (LOPES; BARRETO; VITAL, 2003, p. 45).

Nota-se nessa citação que esses intelectuais estavam discutindo sobre vários pontos da realidade social brasileira. Neste trabalho apenas algumas obras de três intelectuais dessa lista serão utilizadas para se investigar e discutir – não de forma exaustiva – a formação social no Brasil. Estes são: Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior. Vale salientar o motivo de estes autores serem escolhidos. Primeiro, eles foram escolhidos, pois são intelectuais que discutiram o tema da formação social no Brasil por ângulos diferentes. Segundo, porque eles foram além, no quesito pesquisa social brasileira, acerca da temática sociológica e terceiro, porque deram uma direção de como se deve entender a formação social brasileira.

Cândido (1995), o cientista social brasileiro, ao prefaciar o livro *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda explica, de um modo objetivo, como essa formação social brasileira se deu para esses três autores citados e o que se deve entender por isso. A formação social brasileira foi específica na visão de cada autor. Mas, ao falar sobre esse ponto, ele sempre destacava a questão das raças, conflitos entre as etnias, a valorização do elemento de cor, a crítica dos fundamentos patriarcais e agrários, as questões econômicas e muitos outros quesitos.

Logo, Conforme Cândido (1995), a formação social brasileira foi um fenômeno que Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior analisaram acerca do modo como a sociedade brasileira foi formada; partindo de métodos específicos; analisando a forma como ocorreu as relações entre portugueses, negros e indígenas; investigando como as questões comerciais, religiosas e econômicas se deram e se houve conflitos envolvidos em todo esse processo de configuração.

Conforme Lopes, Barreto e Vital no texto *O Papel do Ambiente Natural no Pensamento Social Brasileiro: Contribuições a partir de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior*:

Os autores Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior foram escolhidos porque pertencem à geração de intelectuais que se sobressaíram na década de 1930 e 1940 por adotarem uma nova perspectiva sobre os problemas brasileiros (LOPES; BARRETO; VITAL, 2003, p. 45).

É justamente sobre essa nova perspectiva acerca dos problemas sociais brasileiros que esses autores serão apresentados e discutidos neste trabalho. Uma pergunta que não pode ser evitada: em qual contexto histórico, temporal e sociológico escreveram esses autores? No contexto de uma república recente e de um país que mudava de forma constitucionalmente veloz. Ademais, não se pode esquecer da realidade econômica: um país que há pouco teve em seu solo a mancha e, portanto, a chaga da escravidão.

Sabe-se que o objeto de estudo deste trabalho é a formação social brasileira. Sabe-se também que cada um dos autores selecionados tem uma forma de pensar o Brasil. E algumas obras desses vão ser usadas para isso. De Gilberto Freyre serão utilizados os seguintes textos: *Interpretação do Brasil: Aspectos da Formação Social Brasileira como Processo de Amalgamento de Raças e Culturas*, e *Casa Grande & Senzala*. Do segundo autor vai ser analisado o seguinte texto: *Raízes do Brasil*. Já de Caio Prado Júnior este é o texto que vai ser analisado: *Formação do Brasil Contemporâneo*.

Conforme Lopes, Barreto e Vital no texto *O Papel do Ambiente Natural no Pensamento Social Brasileiro: Contribuições a partir de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior* esses autores:

defenderam a apreensão dos problemas brasileiros de dentro de sua própria história. Suas interpretações proporcionaram a abertura de novas possibilidades para a compreensão da história nacional, aspecto pelo qual suas obras ainda são consideradas extremamente importantes para o entendimento do Brasil enquanto nação (LOPES; BARRETO; VITAL, 2003, p. 47).

Logo, as obras desses foram usadas por serem de grande relevância para o debate social e intelectual brasileiro.

Outrossim, de acordo com Lopes, Barreto e Vital no texto *O Papel do Ambiente Natural no Pensamento Social Brasileiro: Contribuições a partir de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior*:

Em face da ampla produção bibliográfica dos autores escolhidos, decidimos adotar um recorte temporal analisando as principais obras de cada um no período entre o início dos anos 1930 e meados dos anos 1940. Essas obras possuem em comum o período histórico analisado pelos autores: o período colonial, compreendido como a gênese da formação social do Brasil” (LOPES; BARRETO; VITAL, 2003, p. 47).

Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior rastreiam elementos que mostram como se deu a formação social brasileira. E para isso analisam com bastante cautela um período da história social brasileira conhecido como colonial. É óbvio que eles investigam outros períodos e outros assuntos. Porém, perscrutam, portanto, com mais profundidade essa parte da história do Brasil. Esses autores vão analisar inúmeros fatores desse período. Alguns desses fatores são: a economia, a escravidão, a agricultura e os três povos ou etnias: negra, branca e indígena.

Relembrando: cada um apresentará a sua versão acerca do modo como foi a colonização no Brasil e conseqüentemente como disso se concebeu a formação social brasileira. Agora, quais indagações podem advir dessas apresentações? É relevante analisar ainda dentro do bojo do objeto de estudo o seguinte: ao se pensar na formação social de um povo o que se pode sugerir?

Pode-se inferir, hipoteticamente, que sua formação se deu de uma maneira abrupta ou de uma forma altamente acelerada? Pode-se sugerir que a formação social de um povo se concebeu por conta de fenômenos imperialistas e totalitários? Pode-se supor que a formação social de um povo se configurou por conta de invasões e de guerras virulentas? Pode-se conjecturar que a formação social de um povo se deu por conta de fenômenos religiosos e econômicos?

Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior concordam no fato de como se deu a formação social no Brasil ou esses autores divergem e mostram conclusões diferentes acerca dessa importante temática? Se concordam, então o que as suas obras manifestam sobre isso? Se discordam, então em que discordam e por que discordam? Discordar ou concordar de certas temáticas requer um cuidado bastante acentuado para não se chegar a certas respostas de maneira equivocada.

Analisando ainda essa temática se pode pensar também o seguinte: o que é o social? Se a formação social brasileira aconteceu, então o que se pode compreender sobre o termo social? O social é sempre visto como um fenômeno não cultural ou ele faz parte dos fenômenos culturais? O social envolve processos relativamente construtíveis ou processos apenas não construtíveis? Investigando o Brasil hodiernamente é possível concluir que a sua

formação social foi de fato sem sofrimento ou com sofrimento?

E mais: de fato o Brasil é um país onde a miscigenação das raças foi o fator predominante que estruturou a formação social dessa nação? Gilberto Freyre ao propor essa ideia estaria fazendo uma análise adequada dos processos sociais brasileiros ou estaria supondo algumas ideias equivocadas acerca da formação social brasileira? É óbvio que o termo miscigenação é bastante relevante dentro da discussão sociológica no Brasil e pensar sobre ele ajuda o intelectual compreender de forma mais cautelosa como a sociedade brasileira foi formada.

No entanto, Sérgio Buarque de Holanda vai analisar e discutir a formação social brasileira partindo de uma análise personalista, psicológica e bastante ligada a interpretação sociológica weberiana. Esse autor vai mostrar que a formação social brasileira teve certas especificidades e que os europeus – mais detalhadamente os portugueses – agiram de certas maneiras que definiram determinadas características do que se pode entender como brasilidade.

O homem cordial é uma interpretação que Sérgio Buarque explica do ser brasileiro. Contudo, o que isso significa? Está esse autor certo em suas declarações? Portanto, ao longo desse trabalho essas respostas serão esclarecidas. Já Caio Prado Júnior olha a formação social brasileira por meio das lentes marxistas. Influenciado por Karl Marx, Caio Prado Júnior analisará essa temática utilizando o método histórico-dialético. O Brasil surge como um resultado predatório de uma exploração por parte dos europeus e uma busca desenfreada por especiarias caracteriza esses exploradores.

Agora, a análise de Caio Prado Júnior acerca da formação social brasileira é uma pesquisa que merece atenção e investigação?

Conforme Renato Moscateli no texto Um Redescobrimto Historiográfico do Brasil:

Para atingir o intuito de sua investigação, Buarque de Holanda combinou recursos teóricos de diversas disciplinas, especialmente da História Social, da Antropologia, da Sociologia, da Etnologia e da Psicologia, produzindo uma corrente analítica difícil de classificar, mas dotada de uma singular riqueza. Enquanto Prado Jr. buscou delinear o caminho dos processos econômicos que formaram a estrutura da sociedade brasileira, Buarque de Holanda preocupou-se com os aspectos culturais desta mesma sociedade, partindo do pressuposto de que a instalação da cultura europeia na Colônia não se fez sem dificuldades, de tal forma que seu julgamento sobre os resultados da colonização levava-o a acreditar que, “trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas ideias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra” (MOSCATELI,

2007, p. 191).

Agora, um problema que vai guiar esta pesquisa – mesmo sabendo que existem outros – é este: a formação social brasileira se deu de uma forma pacífica, tranquila e harmônica ou ela se deu durante certo tempo de um modo mais ríspido e com relações sociais étnicas variadas? Ao longo da discussão esse problema será analisado com mais detalhe e desse modo se deve, pelo menos de uma maneira inicial, compreender possíveis questões.

Há um detalhe que não pode escapar desta introdução e que ajudará a contextualizar a discussão: a relevância de traçar uma objetiva biografia desses autores. Apresentar um pouco da vida e do trajeto de cada um deles ajuda a investigação ficar mais intensa. Outra questão que deve ser elencada é esta: as discussões sobre gênero, raça, etnia, classe social e sexualidade não são a centralidade do trabalho, mas o objeto do trabalho é a formação social brasileira.

Isso não quer dizer que essas pautas não são relevantes, mas apenas que a finalidade desta pesquisa é outra. Agora, em outro espaço é possível discutir o que os autores achavam sobre cada uma dessas temáticas. Também é importante esclarecer que esses autores não têm a palavra final acerca dessa temática ou que são incriticáveis. Eles, portanto, apenas pontuaram certos fenômenos sociais com outros lápis.

Por conseguinte, este é o caminho que será percorrido nesta monografia: primeiramente será abordado um pouco da biografia dos autores investigados. Segundo, serão discutidos os textos dos autores mencionados acerca da formação social no Brasil. Terceiro, vai ser analisado se há algum elemento em comum na descrição que os autores fazem do objeto formação social brasileira. Assim sendo, este trabalho tem por objetivo analisar sociologicamente de forma historiográfica como se deu a formação social no Brasil.

## **2. BIOGRAFIA DE GILBERTO FREYRE, SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA E CAIO PRADO JÚNIOR**

Neste ponto deste trabalho vai ser discutido e analisado de um modo bastante objetivo, mas não simplista um breve parecer biográfico desses autores. O objetivo disso é justamente rastrear as influências de cada um desses autores para desse modo compreender com mais propriedade o modo como falaram sobre a formação social brasileira e por qual metodologia realizaram essa tão relevante tarefa.

### **2.1 Quem foi Gilberto Freyre?**

Gilberto Freyre foi um dos grandes cientistas sociais brasileiro. Teve uma vida bastante agitada dentro dos campos intelectual, social e político. Conforme Mário Hélio Gomes de Lima no livro *Gilberto Freyre*:

ele nasce no Recife em 15 de março de 1900 e começa a fazer os primeiros desenhos e caricaturas em 1907. Começa a estudar no colégio Americano Gilreath. Recita poemas nas festas colegiais, e passa temporada no engenho São Severino dos Ramos (LIMA, 2010, p. 149).

Nota-se, portanto, que Gilberto Freyre em tenra idade aprende a se relacionar com as artes.

Continua Mário Lima a biografar esse autor: “Escreve o seu primeiro poema, o soneto *Jangada triste*, durante veraneio em Boa Viagem. Dá aulas de latim no colégio onde estuda. Torna-se editor-chefe do jornalzinho estudantil *O Lábaro*” (LIMA, 2010, p. 149). O latim era uma língua que muitos jovens da elite aprendiam nos colégios brasileiros. Por meio dessa língua era possível ampliar o horizonte, destarte, acerca de determinados assuntos intelectuais.

Ademais, Consoante Mário Lima: “Faz primeira conferência, na Paraíba, no Cineteatro Pathé, “*Spencer e o problema da educação no Brasil*”. Converte-se em evangélico protestante. Realiza pregações, interessado que estava no socialismo Cristão” (LIMA, 2010, p. 149). Observa-se, que Gilberto Freyre logo jovem se encaminha para a religião cristã e se torna um fervoroso pregador do Evangelho de Jesus e de suas ordenanças. Assim, como também vai buscando seguir o caminho profissional da educação.

Ele vai estudar em outro país e assim conhece outra cultura. Mário Lima diz que ele: “Muda-se para os EUA no ano de 1918, onde vai estudar na Universidade de Baylor. Inicia a colaboração com o *Diário de Pernambuco*, publicando artigos numerados sob o título geral “*Da outra América*”” (LIMA, 2010, p. 149). Deve-se lembrar de que os Estados Unidos da América nessa época estavam envoltos com as questões da primeira guerra e Gilberto Freyre vai estudar em um ambiente bastante frenético social e belicamente.

Mário Lima mostra que Gilberto Freyre “Publica artigos num jornal de Waco, Texas, e dá aulas particulares de francês. Estreia como caricaturista. Estudos de sociologia põem-no em contato com a população marginal de negros e mexicanos do Texas” (LIMA, 2010, p. 149). É possível perceber que Gilberto Freyre aprendeu diversos idiomas e ensinou alguns deles. Analisa negros e mexicanos por meio da sociologia.

Em 1922 Gilberto Freyre, afirma Mário Lima: “Defende dissertação para o grau de *Magister Artium*, na Universidade de Columbia, com *Social Life in Brazil in the Middle of the 19th Century*. Viaja à Europa” (LIMA, 2010, p. 149). Esse autor por ter tido uma família

rica consegue ir estudar em certos ambientes e assim sendo conhece muitos lugares e muitos intelectuais. O privilégio que ele teve usou para obter conhecimento.

Conforme Mário Lima no livro Gilberto Freyre: “Volta ao Recife em 1923 e retoma a colaboração com o Diário de Pernambuco. Organiza o 1º Congresso Brasileiro de Regionalismo, no Recife. Faz as primeiras viagens à Bahia e ao Rio de Janeiro” (LIMA, 2010, p. 150). Chegando ao Brasil Gilberto Freyre percorre diversos estados do Brasil e desenvolve diálogos diretos com escritores e intelectuais.

“Eclodindo a Revolução de 30, foge, com o ex-governador Estácio Coimbra para a Bahia, onde passa um mês e, depois, exila-se em Lisboa. Conhece Dacar e parte do interior do Senegal. Começa a fazer pesquisas para escrever Casa-grande & senzala” (LIMA, 2010, p. 150). Gilberto Freyre, portanto, fez pesquisas suficientes e necessárias para que depois pudesse redigir uma de suas grandes obras intelectuais. É obvio que não há livros perfeitos nem incriticáveis, assim é Casa Grande & Senzala: um livro bom, mas que não foge ao crivo da crítica.

Mário Lima menciona que: “em 1932 por estímulo de Rodrigo M. F. de Andrade, começa a escrever Casa-Grande & Senzala, no Recife, em grande parte na casa do seu irmão, Ulysses” (LIMA, 2010, p. 150). De acordo com Mário Lima (2010): “Publica em dezembro de 1933 Casa-grande & senzala, pela Editora Maia & Schmidt” (LIMA, 2010, p. 150). E mais conforme Mário Lima: “Inicia, na Faculdade de Direito do Recife, curso de sociologia. Ensina também antropologia social e sociologia na Escola de Direito na Universidade do Distrito Federal” (LIMA, 2010, p. 150).

Conforme Mário Lima: “É preso, no Recife, por artigo em que menciona a existência de atividades nazifascistas no clero e entre escoteiros. Primeira edição argentina de Casa-grande & senzala em 1942” (LIMA, 2010, p. 151). E mais: “Viaja à Europa para realizar conferências em Madri e Londres. Recebe do governo francês a insígnia de Comendador de Artes e Letras” (LIMA, 2010, p. 152). Mário Lima continua:

Elege-se por aclamação membro da Academia Pernambucana de Letras. Recebe a Grã-Cruz da Légion d’Honneur, da França. Falece, no Recife, a 18 de julho, no Hospital Português, de isquemia cerebral (LIMA, 2010, p. 152).

Agora, quais influências recebeu Gilberto Freyre? Conforme Camila Oliveira do Valle no texto Influências Teóricas e Teoria em Gilberto Freyre: Um Debate Sobre a Integração Social e a Democracia Racial:

Gilberto Freyre teve influência de ideias antagônicas, que formaram um ser tão dialético como ele. Muitos autores influenciaram o autor, desde os vitorianos “antivitorianos”, como Ruskin, Morris e Pater, até os “racistas”, como Grant e Stoddard. Spencer, Giddings e Carlyle contribuíram com a concepção de equilíbrio de antagonismos; Bilden, inclusive, com a importância de se analisar a produção e a mestiçagem existentes no Brasil para poder compreendê-lo. Freyre também se inspirou na antropologia de Boas e de Roquette-Pinto (VALLE, 2017, p. 132).

Camila do Valle ainda menciona que:

O brasileiro leu e se baseou em diversos pensadores, como Nietzsche, que o impulsionava ao questionamento, Boas, antropólogo antirracista, Yeats e o estilo imagístico, Hearn, “simpático” aos “negros” e “mestiços”, Zimmern, autor pacifista que relaciona a história dos gregos com a moderna, Moore, que possuía uma relação conflituosa com seu meio natural e social, Gissing, romancista que tinha como tema constante o exílio, Stevenson, Chesterton, Simkins, Mencke e até mesmo o professor Armstrong (VALLE, 2017, p. 132).

Portanto, Gilberto Freyre foi um autor que nasceu em um lar rico do Recife. Teve pais bastante religiosos. Obteve inúmeras vantagens na vida por conta de sua condição social e econômica. Foi influenciado por inúmeros autores das ciências sociais e humanas. Escreveu diversos livros. Obteve prêmios e foi homenageado em diversos países. Desenvolveu alguns temas das ciências sociais bastante criticados pelos acadêmicos. E faleceu de isquemia cerebral.

## 2.2 Quem foi Sérgio Buarque de Holanda?

Será analisado neste momento um pouco da biografia do intelectual Sérgio Buarque de Holanda. Ele, que assim como Gilberto Freyre, foi um escritor e pensador brasileiro de grande relevância para se estudar a formação social no Brasil. De acordo com Marcos Antônio Silva Costa na tese de doutorado *Biografia Histórica: A Trajetória Intelectual de Sérgio Buarque de Holanda entre os anos 1930 e 1980*:

Sérgio Buarque de Holanda nasceu a 11 de julho de 1902, em São Paulo, filho de Heloísa Gonçalves Moreira Buarque de Holanda e de Christovam Buarque de Holanda, pernambucano, que veio jovem para o Rio de Janeiro onde principiou o curso de medicina, curso este não terminado. A convite de Cesário Motta, transferiu-se para São Paulo para trabalhar no serviço sanitário do Estado. Foi um dos fundadores da escola de Farmácia e Odontologia, onde lecionou botânica (COSTA, 2007, p. 22).

Marcos Costa diz o seguinte:

A maior parte do ginásio Sérgio cursou no colégio São Bento em São Paulo. Entre os mestres destaca-se a figura de Afonso de Taunay, professor de história. Sérgio publicou o seu primeiro artigo, no Correio Paulistano, por interferência de Afonso de Taunay, antigo professor e amigo do seu pai. Tinha dezoito anos nessa ocasião. Dos amigos do colégio um permaneceria entre os seus amigos de toda a vida: José de Alcântara Machado, com que renovou contato depois da volta para São Paulo. Nos últimos tempos de São Paulo é que se estreitam os seus laços de amizade e o convívio com o grupo de amigos interessados nos mesmos assuntos, principalmente literatura: Guilherme de Almeida, Tácito de Almeida, Antônio Carlos Couto de Barros, Rubens Borba de Moraes, Sérgio Milliet, Mário de Andrade e Oswald de Andrade (COSTA, 2007, p. 22-23).

É possível notar a priori que Sérgio Buarque de Holanda foi uma personalidade envolvida em frequentes debates literários. Isso era comum entre muitos pensadores tanto no Brasil quanto no exterior. A literatura os ajudava a refletir melhor sobre diversos pontos da existência humana e até a chegar a determinadas conclusões que os livros políticos e históricos não conseguiam possibilitar.

Conforme Marcos Costa:

No ano de 1921, mesmo ano em que Mário de Andrade escrevia o seu poema *Paulicéia Desvairada*, Sérgio Buarque Holanda Muda-se para o Rio de Janeiro, de onde vai, além de ser o representante do movimento de arte moderna que ocorrerá em São Paulo em 1922, se inserir num campo de sociabilidade inteiramente novo em relação ao de São Paulo e que vai ser igualmente determinante na sua formação intelectual. No Rio de Janeiro o autor conciliava a faculdade de direito com o trabalho nas redações de diversos jornais cariocas. Sérgio Buarque de Holanda era um antitradicionalista desde a mais tenra juventude e por isso se ligou desde as primeiras horas ao grupo (Oswald de Andrade, Mário de Andrade, etc) onde embrionariamente já se encontrava gestado o movimento modernista de 1922. (COSTA, 2007, p. 27-28).

Sérgio Buarque de Holanda manifestava comportamentos contrários aos estabelecidos pelos tradicionais e conservadores da época. O movimento moderno o interessava muito ao ponto de se ligar a diversos autores dessa categoria. Pensar em modernismo é refletir o novo, o dinâmico, o não tradicional. É conceber a realidade com outros moldes e configurações é justamente propor uma nova forma de se perceber a vida e, portanto, encarar o mundo de um modo mais transformador e muitas vezes revolucionário.

Ainda segundo Marcos Costa: “Em 17 de junho de 1929 partiu para a Europa como enviado especial dos Diários Associados para cobrir os acontecimentos na Alemanha, Polônia e Rússia” (COSTA, 2007, p. 34). E continua Marcos Costa:

É possível determinar o momento exato em que, na carreira do autor, se dá a guinada de crítico literário para o historiador; primeiro pela própria mudança de seus interesses, a passagem da literatura para a história, e a descoberta, portanto, de uma outra forma de expressar a sua veia crítica e; segundo, a descoberta da filosofia, da sociologia, e da historiografia alemãs que lhe daria um método com o qual o autor poderia utilizar de instrumentos para trilhar esse novo caminho que surgira no seu horizonte. Entre esses autores, poderíamos destacar as influências de Weber e Simmel como as mais significativas. (COSTA, 2007, p. 38).

Portanto, Sérgio Buarque de Holanda foi um intelectual bastante importante na discussão de temas relevantes sobre a história do Brasil. Não teve uma infância com problemas financeiros nem artísticos. Tinha uma família com uma condição financeira adequada. Estudou em ambientes de qualidade. Estudou profundamente a literatura brasileira e exterior. Teve contato com o partido comunista brasileiro. Foi para a Europa e lá começou a estudar vários autores. Foi influenciado por Max Weber e Georg Simmel e pelo historicismo alemão. Faleceu em São Paulo em 1982.

### 2.3 Quem foi Caio Prado Júnior?

Vai ser analisada neste tópico a biografia de Caio Prado Júnior. É relevante mencionar que o objetivo ao falar desses autores não é o de esgotar a história de vida deles, mas é justamente o de expor os pontos principais das trajetórias desses intelectuais brasileiros. Desse modo, é possível contextualizar um pouco dos autores e das obras desses facilitando a compreensão do objeto de estudo investigado neste trabalho.

Conforme Israel Pacheco Júnior no texto *Considerações Sobre o Pensamento de Caio Prado Júnior: Colonização e Revolução*:

Caio Prado Júnior é filho direto da abastada Família Prado por parte de pai e dos Álvares Penteado por filiação materna. Aristocracias paulistanas que, por meio dos negócios do café, agricultura, indústria e finanças, tomaram grande vulto na cena brasileira (JÚNIOR, 2018, p. 25-26).

Ainda conforme Israel Júnior:

O papel da família Prado no desenvolvimento da cidade é significativo: “está intrinsecamente relacionada à história de São Paulo, principalmente a partir do deslocamento da atividade cafeeira para o estado e sua considerável expansão de 1850 em diante, que marcou um novo ciclo na economia do país” (WIDER, apud JÚNIOR 2018, p. 22).

É possível notar que Caio Prado Júnior veio de um ambiente altamente aristocrático e

pôde usufruir de inúmeros privilégios desde criança. Como, por exemplo, estudar em ambientes elitizados e ter professores de um alto teor intelectual. É óbvio que tudo isso e muito mais contribuiu para que Caio Prado pudesse se tornar um intelectual e pensador brasileiro de grande prestígio e de grande tecnicidade nas áreas das ciências humanas e sociais.

De acordo com Israel Júnior no texto já mencionado:

Foi neste universo que nasceu Caio Prado Júnior, no ano de 1907. Por um lado, com todas as influências dos negócios e empresas de seus avós e antepassados, bem como pela política, como um instrumento de justiça e reafirmação dos princípios de uma oligarquia que se consolidava; por outro lado, forjado pelas circunstâncias materiais que os favoreciam se afirmavam os intelectuais deste núcleo, embebidos pela dinâmica econômica que os engendraram, puderam contribuir com ideias inovadoras no cenário paulistano e brasileiro. Entre 1924 e 1928, Caio Prado cursou a Faculdade de Direito de São Paulo, no largo São Francisco, naquela instituição que era – e ainda é – destino quase que obrigatório dos filhos da abastada elite brasileira. Torna-se bacharel aos vinte e um anos de idade. Lá o interesse pela política foi pouco a pouco sendo afluída no jovem, pois além de participar das atividades da agremiação estudantil, com debates para além das necessidades postas pelo curso, participou do I Congresso dos Estudantes de Direito, onde apresentou um trabalho sobre a quebra do padrão monetário e a fixação do câmbio, onde já demonstrava seu interesse pela economia política, e que de fato, se constituiu como a contenda que o acompanhou pela vida toda (JÚNIOR, 2018, p. 26).

Geralmente só os que podiam realizar o curso de direito naquela época eram os que podiam pagar. Não apenas o meio jurídico vai ser o meio de interesse de Caio Prado, mas também o aspecto político e revolucionário será bastante encantador para esse bacharel. Ele vai se interessar tanto por questões revolucionárias que fará parte do partido comunista brasileiro e será um defensor do método histórico dialético de Karl Marx e interpretando o Brasil do ponto de vista materialista, excluindo, portanto, o fator espiritual.

O que mais explica Israel Júnior sobre Caio Prado?

Em 1931 entra no Partido Comunista Brasileiro. O PCB havia sido fundado em 1922 por operários e intelectuais sob o programa da III Internacional Comunista. Este deveria ser o intelectual orgânico coletivo para o proletariado difundir em sua base uma consciência dos princípios e tarefas do comunismo. A partir da adesão de Caio Prado Júnior, sua vida muda radicalmente. Por intermédio de sua militância era colocado ao lado de pessoas bem diferentes de sua classe e posição social, passando a enxergar melhor as condições dos trabalhadores brasileiros, uma realidade bastante distinta para um filho abastado da elite paulistana e dos círculos que até então havia frequentado. (JÚNIOR, 2018, p. 26).

Israel Júnior continua:

Caio Prado exerceu tarefas políticas de relevo no seu engajamento nos anos que seguiram, foi vice-presidente da Aliança Nacional Libertadora (ANL), na seção de São Paulo, junto com o general Miguel Costa, ex-combatente e um dos líderes da Coluna Prestes. O agrupamento político nacional anunciava Luís Carlos Prestes como o seu presidente de honra. As organizações comunistas do mundo todo se articularam em torno das chamadas “Frentes Populares”, numa tentativa massiva de organizar os trabalhadores e fazer frente aos avanços do nazismo em várias partes do mundo. A ANL reunia em suas fileiras uma parte do tenentismo, algumas correntes de esquerda, uma parte do segmento da burguesia e classe média, e uma parcela do proletariado não organizado. Por intermédio de seu Partido concorreu para a cadeira de deputado federal, em 1945, mas não conseguiu se eleger, fica como terceiro suplente e não chegou a compor a bancada na Assembleia. Dois anos depois, concorre novamente, mas pelo cargo de deputado estadual e conquista uma cadeira na Assembleia Legislativa, cargo que exerceu por volta de dez meses, até o PCB ser cassado e entrar na ilegalidade. Em 1942, o autor lançaria aquela que seria a sua obra-prima de interpretação da realidade brasileira, o livro *Formação do Brasil Contemporâneo*; três anos depois, a pedido da Editora mexicana Fondo de Cultura Económica lançou o livro *História Econômica do Brasil*. De forma geral foram livros de forte impacto nos estudos posteriores sobre o Brasil e teve grande contribuição nas diversas áreas das ciências humanas. É nesta década que também funda a Editora Brasiliense e a Gráfica Urupês, na tentativa de divulgação de uma literatura – científica e literária mais especializada acerca dos diversos aspectos da conjuntura brasileira – para o público em geral (JÚNIOR, 2018, p. 26-27).

Israel Júnior conclui com o seguinte:

Entre as décadas de 1950 e 1960 Caio Prado também foi cassado pela Universidade, pois em nenhuma das três vezes que disputou uma vaga para seguir como professor universitário obteve êxito em função da perseguição do governo, do conservadorismo e da política interna que limitou o seu acesso e a divulgação de uma criticidade mais aguçada aos moldes do autor. Em 1954, pleiteia a Cátedra de Economia Política da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, para tanto apresenta o trabalho intitulado *Diretrizes Para uma Política Econômica Brasileira*. Essa era uma perspectiva que Caio Prado assumia não só para intervenção política, mas também para a divulgação das suas ideias. Durante toda a vida Caio Prado fez muitas viagens pelo Brasil e o mundo, manteve contatos com diversos militantes e intelectuais, permaneceu escrevendo para jornais e revistas, e nunca abandonou o trabalho intelectual. Morreu em 23 de novembro de 1990. (JÚNIOR, 2018, p. 27-28).

Por conseguinte, Caio Prado Júnior foi um pensador brasileiro que experienciou muitos eventos em sua vida como intelectual, escritor e ativista político. Teve uma família com uma renda bastante alta. Nasceu em um Estado rico. Fez Direito e depois se engajou no partido comunista brasileira. Viaja por muitas partes. Escreve inúmeros livros e artigos. E começa a interpretar a formação social brasileira partindo do ponto de vista marxista. Esse

escritor ajudou muito a pensar, por meio dos seus textos, a realidade social brasileira.

### **3. O QUE GILBERTO FREYRE, SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA E CAIO PRADO JÚNIOR ESCREVERAM SOBRE A FORMAÇÃO SOCIAL BRASILEIRA?**

Neste capítulo vai ser aprofundado e discutido o objeto de estudo formação social brasileira. Mas, antes de serem aprofundadas as interpretações dos autores, deve-se pelo menos de forma preliminar entender o que o dicionário explica sobre as palavras: formação e social.

#### **3.1 Definindo as palavras: formação e social**

Não se pretende neste ponto realizar uma análise dessas palavras de um modo tecnicamente minucioso, mas se objetiva explicar o que se compreende, por meio do dicionário, acerca dos termos mencionados. Ao se compreender essas palavras, logo torna-se mais inteligível o que os autores destacados neste trabalho querem dizer sobre elas. Vale destacar também que eles ao discutirem acerca disso não se deteram prioritariamente no elemento etimológico, mas, portanto, buscaram interpretar o fenômeno real: formação social brasileira.

Conforme o Dicionário Houaiss: “Formação é o ato, efeito ou modo de formar, constituir algo; criação, construção, constituição. Ato ou efeito de dar forma, configuração, modelagem” (HOUAISS, 2001, p. 1372). Por meio disso a priori é possível analisar e pensar o seguinte: houve uma constituição específica da sociedade brasileira. Assim como houve uma constituição específica de cada sociedade de forma mundial.

Ademais, vai ser afirmado no Dicionário Houaiss que: “Social é concernente a sociedade. Relativo à comunidade, ao conjunto dos cidadãos de um país, coletivo. Que tende ou é dado a viver em sociedade” (HOUAISS, 2001, p. 2595). Ao se pensar em social pensa-se justamente em uma realidade que é plural e coletiva. Pensa-se em um fenômeno que se refere ao conjunto, ao todo de um determinado território ou espaço geográfico.

O social também é uma realidade que está em constante relação com a fauna e a flora. Todos os indivíduos que compõem determinado local vivem interagindo com o meio ambiente ao redor. Logo, no social há também relações do natural – natural se referindo a fauna e a flora. Há também no social, elementos que são comuns aos membros e elementos que são divergentes e diferentes a eles.

### 3.2 O que escreveu Gilberto Freyre acerca da formação social brasileira?

Gilberto Freyre com toda influência intelectual que obteve manifestou a sua epistemologia sobre a formação social brasileira partindo de uma perspectiva bastante cultural. É óbvio que as teorias do antropólogo Franz Boas foram essenciais para moldar o modo de ele enxergar as realidades sociais. Gilberto Freyre enxergava a formação social brasileira do ponto de vista mais miscigênico e harmônico. Segundo ele culturas ou etnias se misturaram e formaram o que se concebe atualmente como sociedade brasileira.

Conforme Gilberto Freyre no livro *Interpretação do Brasil: Aspectos da Formação Social Brasileira como Processo de Amalgamento de Raças e Culturas*:

A experiência de bicontinentalismo étnico e cultural começada há séculos em Portugal tomou nova dimensão no Brasil: três raças e três culturas se fundem em condições que, de modo geral, são socialmente democráticas, ainda que até agora permitindo apenas um tipo ainda imperfeito de democracia social; imperfeito tanto na sua base econômica como nas suas formas políticas de expressão. Mas com todas as suas imperfeições, de base econômica e de formas políticas de convivência democrática, o Brasil impõe-se hoje como uma comunidade cuja experiência social pode servir de exemplo ou estímulo a outras comunidades modernas. Decerto não existe nenhuma outra comunidade moderna da complexidade étnica da brasileira onde os problemas das relações sociais entre os homens de origens étnicas diversas estejam recebendo solução mais democrática ou mais cristã que na América Portuguesa (FREYRE, 2001, p.198).

Gilberto Freyre argumenta que três raças ou três culturas se fundem. Dessa fusão se observa que aparece uma realidade chamada brasileira. Essa realidade brasileira tem uma raiz plural, conjunta e dinâmica. Essa raiz é específica. Os portugueses, os índios e os negros são a raiz dessa realidade. Os portugueses com a cultura cristã e com tradições sociais europeias. Os índios com a cultura de caça, com a cultura religiosa, com as comidas e com a cultura de rituais. Os negros com as religiões africanas, com comidas, com força bruta e com hábitos africanos.

Será analisado o que Gilberto Freyre escreveu sobre cada uma dessas culturas ou raças – o termo raça já foi atualizado e atualmente está ultrapassado. Ele sendo usado ou citado neste trabalho é justamente para manter a citação original do autor e a ideia do mesmo, mas etnia é o termo usado atualmente nas ciências sociais. Conforme Gilberto Freyre no livro: *Interpretação do Brasil: Aspectos da Formação Social Brasileira como Processo de Amalgamento de Raças e Culturas*:

O Brasil, país descoberto e colonizado pelos portugueses, dá-se às vezes o nome de América Portuguesa. E com esse nome de América Portuguesa é

geralmente considerado extensão da Europa, tão português permanece ele nos seus principais característicos. Português ou hispânico, para não dizer ibérico. Também católico, e como tal um ramo ou variante da forma latina de cristianismo ou de civilização. Mas a verdade é que nem essas origens nitidamente portuguesas ou hispânicas, nem as suas raízes católico-latinas fizeram do Brasil simples e pura extensão da Europa como a Nova Inglaterra, da Velha Inglaterra, e ainda como a Nova Inglaterra, do cristianismo evangélico ou protestante que veio a predominar na América do Norte (FREYRE, 2001, p. 57).

Verifica-se de forma historiográfica que houve um processo colonizador no Brasil. Os portugueses vindos da Europa colonizaram a terra das palmeiras. Sabe-se que em um processo de colonização geralmente há divergências entre as etnias ou culturas. Quando os portugueses chegaram às praias da Bahia em 1500 trouxeram certos hábitos a povos com costumes locais e diferentes – esses povos foram os indígenas – o termo indígena é usado neste trabalho não como sinônimo de inferior ou de subalterno, porém ele apenas é usado como um nome para se referir a pessoas com certas maneiras culturais definidas e específicas.

Já é possível compreender que a formação da sociedade brasileira se dá em um processo colonizatório. Os portugueses eram povos aventureiros e tinham já o hábito de se misturar com outros povos, como, por exemplo, os mouros ou árabes. Conforme Gilberto Freyre no livro: *Interpretação do Brasil: Aspectos da Formação Social Brasileira como Processo de Amalgamento de Raças e Culturas*:

E deve-se acrescentar que antes mesmo da descoberta e colonização do Brasil já a população de Portugal se havia também mestiçado ao contato de numerosos negros que ali penetraram como escravos domésticos, e ainda ao contato de índios orientais, que tanto se fizeram notar pela sua habilidade como talhadores e ebanistas (FREYRE, 2001, p. 71).

Os portugueses, conforme Gilberto Freyre, já tinham certo hábito de mestiçagem. Eles já se misturavam com outras raças ou etnias. Certamente por isso conseguiram se misturar as culturas brasileiras. Gilberto Freyre explica mais sobre os portugueses no livro: *Interpretação do Brasil: Aspectos da Formação Social Brasileira como Processo de Amalgamento de Raças e Culturas*:

A presença e a influência em Portugal dos cruzados franceses e ingleses com o seu espírito de aventura e o seu desdém pelo trabalho agrícola; a presença e a influência dos judeus, com o seu espírito comercial, e, como todos os judeus sefárdicos, com o seu desdém por qualquer espécie de trabalho manual, que compensavam com o seu excessivo entusiasmo pelas profissões intelectuais e burocráticas; as vitórias portuguesas sobre os mouros; as conquistas dos portugueses na Ásia e na África e a oportunidade para

empregar no serviço da terra ou nas artes manuais a negros, a índios orientais e a mouros - todos esses fatores juntos parecem ter desenvolvido em grande parte da população portuguesa o espírito de aventura e os preconceitos aristocráticos que se descobrem nos primeiros portugueses que emigraram para a América (FREYRE, 2001, p. 72).

Os portugueses, ainda conforme Gilberto Freyre, no livro mencionado:

Na América Portuguesa esses preconceitos manifestaram-se em gosto pela ação militar, em amor ao fausto e à ostentação, e também às ocupações burocráticas ou ao parasitismo, em atividades escravizadoras dirigidas no começo contra os índios, mas logo depois concentradas na importação de negros para as plantações quase feudais que alguns portugueses chegaram a fundar no Brasil (FREYRE, 2001, p. 72).

O autor vai explicar que inúmeros hábitos dos portugueses foram incluídos no fenômeno que seria visto como Brasil: um país formado pela influência lusitana e que certos vícios e virtudes cristalizaram-se no tecido social. Disso é possível concluir que não há sociedade que não se forme ou se configure sem a influência, tanto negativa e impositiva ou positiva e livre, de determinados agentes externos.

Acerca da relevância indígena no processo de formação social brasileira assim afirma Gilberto Freyre no livro *Casa Grande & Senzala*: “No caso do Brasil verificou-se primeiro o colapso da moral católica: a da reduzida minoria colonizadora, intoxicada a princípio pelo ambiente amoral de contato com a raça indígena” (FREYRE, 2004, p. 178). Observa-se, portanto, que os portugueses colonizadores ao chegar ao país atualmente chamado Brasil desenvolveram um contato – é obvio que invasivo – com os indígenas.

O contato entre os portugueses e indígenas não foi fácil. Pois, os portugueses foram implantando aos poucos no meio indígena certos hábitos e padrões. Esse povo aos poucos foi se aculturando se adaptando a cultura dos colonizadores. Os índios aprenderam a religião do colonizador e perceberam como certos trajes, roupas e alimentos eram diferentes dos deles. Esse contato, portanto, foi marcante e intenso para a formação social brasileira, mesmo sendo uma realidade invasiva e chocante para os povos nativos.

De acordo com Gilberto Freyre no livro *Casa Grande & Senzala*:

O que surpreendeu aos primeiros portugueses e franceses chegados nesta parte da América um povo ao que parece sem mancha de sífilis na pele; e cuja maior delícia era o banho de rio. Que se lavava constantemente da cabeça aos pés; que se conservava em aseada nudez; que fazia uso de folhas de árvores, como os europeus mais limpos de toalhas de enxugar as mãos e de panos de limpar menino novo; que ia lavar no rio a sua roupa suja, isto é, as redes de algodão - trabalho esse, a cargo dos homens (FREYRE, 2004, p. 182).

Percebe-se que Gilberto Freyre mostra certos hábitos indígenas antes da chegada dos lusitanos. Após o contato da cultura portuguesa com a cultura indígena, então aos poucos, mesmo não sendo um processo que manifeste gozo e júbilo para os indígenas, vai se formando, pelo menos como consequência de relações sociais, uma nova sociedade: uma sociedade eclodida de conflitos entre culturas, mas também eclodida de assimilação e introjeção de maneiras de ser, de pensar e de agir do outro.

Menciona mais um detalhe de um modo singular Gilberto Freyre no livro já citado: “Entre os seus era a mulher índia o principal valor econômico e técnico. Um pouco besta de carga e um pouco escrava do homem. Mas, superior a ele na capacidade de utilizar as coisas e de produzir o necessário à vida e ao conforto comuns” (FREYRE, 2004, p. 185). Muitos portugueses colonizadores ao avistarem as índias nuas se encantaram com elas e muitos depois de certo momento tiveram contato sexual com essas. Disso, resultando filhos e filhas.

Observa-se, a priori, que o problema desta pesquisa já está sendo esclarecido. É possível então já perceber que a formação social brasileira seguiu um percurso antagônico e complexo e conforme Gilberto Freyre o encontro dos indígenas com os portugueses foi um encontro marcado por mudanças e adaptações. Agora, o que Gilberto Freyre discute sobre os negros vindos da África para o Brasil?

Conforme o que Gilberto Freyre discute e apresenta no livro *Casa Grande & Senzala*: “Todo brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo – há muita gente de jenipapo ou mancha mongólica pelo Brasil – a sombra, ou pelo menos a pinta, do indígena ou do negro” (FREYRE, 2004, p. 185). Nesse trecho, é possível analisar e perceber que Gilberto Freyre não exclui da raiz brasileira o negro.

E mais: “Na ternura, na mímica excessiva, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo o que é expressão sincera de vida, trazemos quase todos a marca da influência negra” (FREYRE, 2004, p. 185). A influência negra em tudo foi essencial para dar ao que atualmente se chama Brasil uma forma social de se manifestar e de se comportar. O Brasil não é Brasil socialmente analisando se não estiver o negro como participante desse imenso processo.

Conforme Gilberto Freyre no livro *Casa Grande & Senzala*: “o depoimento dos antropólogos revela-nos no negro traços de capacidade mental em nada inferior à das outras raças” (FREYRE, 2004, p. 378). Isso quer dizer que o negro não é incapaz ou inferior a nenhuma outra raça, mas é capaz e dotado de grandiosa capacidade física e mental para desenvolver determinadas atividades.

Gilberto Freyre continua discutindo a questão do negro:

a verdade é que se importaram para o Brasil, da área mais penetrada pelo islamismo, negros maometanos de cultura superior não só à dos indígenas, como a da grande maioria dos colonos brancos – portugueses e filhos de portugueses quase sem instrução nenhuma, analfabetos uns, semianalfabetos na maior parte (FREYRE, 2004, p. 383).

Muitos portugueses foram ao continente africano e trouxeram para serem escravos no Brasil inúmeros negros. Deve-se mencionar que nos séculos passados a escravidão era permitida como um meio de rentabilidade para os proprietários. Infelizmente, a escravidão no Brasil foi um fenômeno tétrico: tirar a liberdade física de alguém é um ato vil e cruel. Logo, ser escravo no Brasil era uma realidade enfrentada pelos negros.

Contudo, muitos portugueses – assim como se deu na relação social com os indígenas – tiveram relações sociais com mulheres negras e desse ato sexual nasciam muitos filhos e filhas. Desse modo, pode-se observar que a formação social no Brasil também se deu com a vinda do negro africano ao Brasil para ser escravo e com o contato, não harmônico nem positivo, de forma possível, que eles foram tendo com muitos lusitanos.

De acordo com Lopes, Barreto e Vital no texto: O Papel do Ambiente Natural no Pensamento Social Brasileiro: Contribuições a partir de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior:

Em Casa Grande e Senzala, Gilberto Freyre analisa a sociedade brasileira por suas origens negra, indígena e europeia. Ele atribui à miscigenação o elemento chave da conquista do território brasileiro – um trópico desafiador e repulsivo aos olhos europeus. Nessa obra, Freyre dá destaque à natureza em vários trechos. São referências ao clima, solo, rios, fauna, flora e relevo e como esses elementos influenciaram a dieta, o comportamento, a sexualidade e a cultura do português, do índio e do negro” (LOPES; BARRETO; VITAL, 2003, p. 47).

Para Gilberto Freyre a formação social brasileira se deu pelo fenômeno da miscigenação. Miscigenação sendo compreendida na obra de Freyre como mistura, relação, troca e contato. As três raças – pois, é assim que ele se refere aos portugueses, aos índios e aos negros – se fundiram e desse modo se configurou, não de um modo rápido e acelerado, porém de forma lenta e gradual, a sociedade brasileira. Não há, dentro da perspectiva de Gilberto Freyre, um Brasil apenas negro, ou apenas branco, ou apenas indígena: há um Brasil misturado; um Brasil pluriunificado.

É relevante enfatizar que o processo de miscigenação, no solo brasileiro, não foi simples, nem tão pouco fácil, nem ao menos sem conflitos. Houve conflitos entre as raças

envolvidas e também houve lutas, contudo desses conflitos e dessas lutas apareceu um novo país. Um país que se chama Brasil. Um país onde há uma realidade social pluriunificada.

Conforme Lopes, Barreto e Vital no texto: O Papel do Ambiente Natural no Pensamento Social Brasileiro: Contribuições a partir de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior:

Freyre argumentava que a miscigenação não é deletéria como alegavam os deterministas e evolucionistas. Freyre não admite uma hierarquia de raças, mas, por outro lado, defende a tese da adaptabilidade condicionada pelos aspectos biofísicos e culturais (LOPES; BARRETO; VITAL, 2003, p. 60).

Conforme Luis Cláudio Palermo no texto Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior: Uma Análise Comparativa Centrada no Contexto de Produção e nas Referências Teóricas dos Autores: “Freyre defendeu que a miscigenação foi um fenômeno histórico pertencente e, sobretudo, positivo para formação da sociedade brasileira, cuja trama social estava pautada na relação de antagonismos em equilíbrio (ARAÚJO, 1994)” (PALERMO, 2014, p. 170).

E mais conforme Luis Cláudio Palermo no texto mencionado:

Freyre advogou a tese de que a miscigenação, em vez de ser um mal para a sociedade brasileira, foi importante fator na formação da identidade nacional. Gilberto Freyre valorizou a cultura africana, assim como o papel do negro e do mulato na sociedade brasileira e na formação do Brasil (PALERMO, 2014, p. 175).

Logo, a formação social brasileira, desde o processo colonizatório, se configurou especificamente mediante a relação, não sem antagonismos, das três raças – palavra usada por Gilberto Freyre – portuguesa, indígena e negra. Mesmo havendo a escravidão, esse processo ocorreu de forma lenta e gradual no solo brasileiro. Contudo, muitos autores vão contestar esse processo de miscigenação. A escritora brasileira Lélia González foi uma dessas personalidades.

Lélia Gonzalez critica a visão de Gilberto Freyre sobre a suposta democracia racial em seu texto Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. E principalmente essa suposta democracia racial é uma violência simbólica contra o negro e especialmente contra a mulher negra. Lélia Gonzalez no texto mencionado afirma: “Como todo mito, o da democracia racial oculta algo para além daquilo que mostra. Numa primeira aproximação, constatamos que exerce sua violência simbólica de maneira especial sobre a mulher negra” (GONZALÉZ, 1984, p. 228).

Enquanto Gilberto Freyre, portanto, analisa a formação social brasileira partindo da análise miscigênica e harmônica entre as raças formadoras, Lélia González compreende que

essa suposta interpretação está equivocada quanto à fenomenologia do negro. O negro foi um ser usado e ainda hoje passa por racismo e também por exclusão por conta da cor e da sexualidade. Porém, como o objetivo desta monografia é analisar especificamente o objeto formação social brasileira, então não será discutida com mais propriedade as percepções de Lélia Gonzalez acerca do Brasil e do negro para assim não se escapar do objeto estudado.

### 3.3 O que escreveu Sérgio Buarque de Holanda acerca da formação social brasileira?

O segundo autor analisado neste trabalho é Sérgio Buarque de Holanda. Um típico Weberiano que influenciado pelo historicismo alemão analisou a formação social brasileira partindo das influências que recebera. *Raízes do Brasil* é um dos seus livros mais relevantes acerca dessa temática. Principalmente no modo como ele analisa o processo de colonização brasileira e na maneira como ele apresenta o homem cordial, como o típico brasileiro, como consequência da formação social.

Conforme Luis Cláudio Palermo no texto *Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior: Uma Análise Comparativa Centrada no Contexto de Produção e nas Referências Teóricas dos Autores*:

O ponto de partida de Sérgio Buarque em *Raízes do Brasil* (1936) para traçar a sua análise da sociedade é o fato de sermos marcados pelo sentimento de exilados em nossa própria terra. Esse sentimento expressa a ruptura originária entre a cultura e a natureza, sobre a qual se constituiu a nossa experiência (LOPES; BARRETO; VITAL, 2003, p. 51).

Sérgio Buarque de Holanda vai percebendo, ao estudar a sociedade brasileira, desde o processo colonizatório, que há no brasileiro como indivíduo um sentimento de exilado. De qual lugar teria vindo esse sentimento? Certamente isso veio do processo de colonização e da configuração inicial da sociedade brasileira. Pois, o brasileiro não se sente morador no seu país, mas sente que está longe e totalmente distante do seu real e verdadeiro território.

Conforme Luis Cláudio Palermo no texto *Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior: Uma Análise Comparativa Centrada no Contexto de Produção e nas Referências Teóricas dos Autores*:

Assim, o clima, o relevo, o tipo de solo, a fauna, a flora e os minérios definiram os contornos de novos hábitos alimentares, de habitação e de locomoção. A hostilidade da natureza tropical restringiu a implantação da cultura europeia, pois não havia modo de estabelecer na colônia portuguesa as mesmas condições materiais e culturais do Velho Mundo. O Brasil nasceu

desse limbo, nem lá nem cá. Para Buarque de Holanda, aí repousa a origem de nossa singularidade, o traço principal de nossa cultura. Em *Raízes do Brasil* a colonização dos trópicos é apresentada como uma aventura, onde a riqueza é o grande prêmio. Assim, todo o empreendimento esteve voltado para objetivos imediatos de exploração econômica nas novas terras” (LOPES; BARRETO; VITAL, 2003, p. 52).

Para Sérgio Buarque de Holanda o europeu aventureiro que veio ao Brasil buscar riquezas e especiarias teve de se adaptar ao ambiente e não foi possível edificar um Brasil europeu, mas o próprio ambiente brasileiro, a fauna e a flora, configurou a formação social do Brasil. Agora, a grande aventura do europeu português era a de explorar de forma econômica a extensão territorial brasileira.

De acordo com Sérgio Buarque de Holanda no livro *Raízes do Brasil*:

A tentativa de implantação da cultura europeia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em consequências. Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas ideias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra (HOLANDA, 1995, p. 31).

Ainda conforme Sérgio Buarque de Holanda no livro *Raízes do Brasil*: “É significativa, em primeiro lugar, a circunstância de termos recebido a herança através de uma nação ibérica” (HOLANDA, 1995, p. 31). Portanto, o Brasil vai ter uma estrutura social formada com uma grande influência ibérica – ou portuguesa. Muitos portugueses viajantes e aventureiros notaram e presenciaram a imensa biodiversidade na terra brasileira. Trouxeram certos costumes da Europa para o Brasil, mas não conseguiram fazer da colônia brasileira uma Europa.

Menciona ainda, de forma clara, no livro citado o intelectual Sérgio Buarque de Holanda “Surgiu, assim, um tipo de sociedade que se desenvolveria, em alguns sentidos, quase à margem das congêneres europeias, e sem delas receber qualquer incitamento que já não trouxesse em germe” (HOLANDA, 1995, p. 31).

De acordo com Sérgio Buarque de Holanda, sobre a formação social brasileira, no livro *Raízes do Brasil* é possível ler, analisar e observar, com bastante atenção, a seguinte questão:

Portugal, uma tradição longa e viva, bastante viva para nutrir, até hoje, uma alma comum, a despeito de tudo quanto nos separa. Podemos dizer que de lá nos veio a forma atual de nossa cultura; o resto foi matéria que se sujeitou

mal ou bem a essa forma (HOLANDA, 1995, p. 40).

Conforme Luiz Carlos Bresser Pereira no texto: *Relendo Raízes do Brasil*:

Enquanto Freyre faz o elogio da colonização portuguesa e do latifúndio escravocrata, e celebra o seu grande êxito, Sérgio Buarque faz a crítica dessa colonização e da sua natureza aventureira e patriarcal; enquanto o primeiro vê no senhor de engenho o grande herói, o segundo o percebe de maneira muito menos lisonjeira; enquanto o sociólogo pernambucano identifica as plantações de cana de açúcar com as de café, o paulista aceita a identificação para as fazendas do Vale do Paraíba, mas não do Oeste Paulista; enquanto o autor de *Casa Grande & Senzala* vê apenas uma elite dirigente no Brasil, em *Raízes do Brasil* temos a sugestão de três elites – a patriarcal rural, a patrimonialista urbana que se constitui já no Império, e a burguesa paulista de base cafeeira; enquanto Freyre permanece fixado a uma ideia de Brasil agrário, latifundiário e mercantil – visão, aliás, que seria contraditoriamente partilhada por Caio Prado Jr” (PEREIRA; 2000, p. 01).

Uma questão que não pode escapar nesta análise é esta: a formação social brasileira para Sérgio Buarque de Holanda se realiza por conta do processo colonizador lusitano no território brasileiro. Conforme Luiz Carlos Bresser Pereira no texto: *Relendo Raízes do Brasil*: “Mas seu interesse real é pela colonização portuguesa do Brasil, que se transforma imediatamente em característica dos brasileiros” (PEREIRA; 2000, p. 03).

Sérgio Buarque de Holanda no livro *Raízes do Brasil* explica com certa cautela uma característica do brasileiro: a cordialidade. Afirma esse autor:

Já se disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade — daremos ao mundo o homem cordial. A lhanza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal (HOLANDA, 1985, p. 146-147).

Diz mais Sérgio Buarque de Holanda:

Nossa forma ordinária de convívio social é, no fundo, justamente o contrário da polidez. Ela pode iludir nas aparências — e isso se explica pelo fato de a atitude polida consistir precisamente em uma espécie de mímica deliberada de manifestações que são espontâneas no homem cordial é a forma natural e viva que se converteu em fórmula (HOLANDA, 1985, p. 147).

Sérgio Buarque de Holanda continua explicando sobre o homem cordial:

Por meio de semelhante padronização das formas exteriores da cordialidade, que não precisam ser legítimas para se manifestarem, revela-se um decisivo

triunfo do espírito sobre a vida. Armado dessa máscara, o indivíduo consegue manter sua supremacia ante o social. E, efetivamente, a polidez implica uma presença contínua e soberana do indivíduo. No “homem cordial”, a vida em sociedade é, de certo modo, uma verdadeira libertação do pavor que ele sente em viver consigo mesmo, em apoiar-se sobre si próprio em todas as circunstâncias da existência. Sua maneira de expansão para com os outros reduz o indivíduo, cada vez mais, à parcela social, periférica, que no brasileiro — como bom americano — tende a ser a que mais importa (HOLANDA, 1985, p. 147).

Sérgio Buarque vai adiante:

Essa cordialidade, estranha, por um lado, a todo formalismo e convencionalismo social, não abrange, por outro, apenas e obrigatoriamente, sentimentos positivos de concórdia. A inimizade bem pode ser tão cordial como a amizade, nisto que uma e outra nascem do coração, procedem, assim, da esfera do íntimo, do familiar, do privado (HOLANDA, 1985, p. 147).

Conforme Luiz Carlos Bresser Pereira no texto: *Relendo Raízes do Brasil*:

Se a identidade brasileira é mestiça para Gilberto Freyre, ela será cordial para Sérgio Buarque. Mas será também uma identidade em transição, que passa pela “revolução brasileira”, que ele procurará definir um pouco adiante, pela transição do regime patriarcal para o capitalista (PEREIRA; 2000, p. 08).

Logo, Sérgio Buarque de Holanda defende o seguinte acerca da formação social brasileira: ela se concretizou por conta da colonização portuguesa no território brasileiro. Os europeus não conseguiram fazer uma Europa no Brasil, mas trouxeram muitos costumes e elementos culturais para esse país. Tiveram de se adaptar ao ambiente e a natureza da terra Americana. Sabendo que não foi tão complexo para eles, pois Portugal é um país bastante plural no quesito fauna, no quesito flora e no quesito das raças. E o homem cordial é o reflexo dessa sociedade que nascera desse processo colonizador: um homem que age segundo o coração e que suas intenções são sempre imediatas. Mas, a grande marca foi o personalismo.

#### 3.4 O que escreveu Caio Prado Júnior acerca da formação social brasileira?

Vai ser analisado, neste trecho, um pouco do modo como Caio Prado Júnior interpretava a formação social no Brasil. Deve ser lembrado que esse autor vai compreender a forma como se desenvolveu a sociedade brasileira partindo do ponto de vista marxista. O método de análise usado por ele é o histórico-dialético de Karl Marx. Portanto, os fenômenos materiais vão ser os elementos analisados e investigados por esse intelectual brasileiro. A tese, a antítese e a síntese colonial brasileira e a histórica muito vão se apresentar nas discussões desse autor.

Conforme Caio Prado Júnior no livro *Formação do Brasil Contemporâneo*:

Tudo isso lança muita luz sobre o espírito com que os povos da Europa abordam a América. A ideia de povoar não ocorre inicialmente a nenhum. É o comércio que os interessa, e daí o relativo desprezo por este território primitivo e vazio que é a América; e inversamente, o prestígio do Oriente, onde não faltava objeto para atividades mercantis (JÚNIOR, 1942, p. 16).

Caio Prado apresenta em sua obra a interpretação de que a questão comercial e a busca por riqueza foram a grande questão que movimentou os europeus nos séculos XIV, XV e XVI. Para ele não era o povoamento o objetivo central dos europeus, mas o lucro e a vida de riquezas avançada. Explorar outros territórios e desbravar o mar em busca de ouro e prata era uma missão atraente e sedutora para o homem moderno.

De acordo com Lopes, Barreto e Vital no texto: *O Papel do Ambiente Natural no Pensamento Social Brasileiro: Contribuições a partir de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior*:

*Formação do Brasil Contemporâneo* revela um panorama onde a natureza é uma presença constante. O autor utilizava-se largamente da geografia para situar o processo de estabelecimento da empresa colonial nos trópicos americanos. Ele examina de que maneira fatores como o clima, a vegetação, o relevo e os tipos de solos influenciaram na formação da vida econômica da colônia (LOPES; BARRETO; VITAL, 2003, p. 56).

Conforme Lopes, Barreto e Vital no texto: *O Papel do Ambiente Natural no Pensamento Social Brasileiro: Contribuições a partir de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior*:

Muitos são os aspectos em *Formação do Brasil Contemporâneo* que revelam como o ambiente teve uma participação ativa na constituição da colônia. A colonização foi sendo moldada dentro das condições oferecidas pela natureza, muitas das quais o colonizador teve de superar ou contornar. Por vezes, essa natureza impôs dificuldades, limitações, impedimentos, por vezes, operou como elemento facilitador, motivador, vantajoso” (LOPES; BARRETO; VITAL, 2003, p. 57).

Segundo Murilo Leão Rego no texto *Sentimento do Brasil*:

A interpretação Caiopradiana procurou demonstrar como o sentido presente no processo de colonização – a expansão capitalista mercantil europeia – determinou a conformação de uma sociedade assentada na reprodução da grande exploração agrária mercantil escravista, fazendo com que este agrarismo viesse marcar os desdobramentos futuros da sociedade brasileira (REGO; 1998, p. 81).

Conforme Luis Cláudio Palermo no texto Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior: Uma Análise Comparativa Centrada no Contexto de Produção e nas Referências Teóricas dos Autores:

uma vez que ele – Caio Prado – relacionava os males do país à herança colonial que, em alguma medida, não havia sido superada em seu tempo e identificava os males do país no início da formação do Brasil. Por isso ele pensava efetivamente na superação da herança colonial do país (PALERMO, 2014, p. 180).

Superar a herança colonial portuguesa – a herança que configura o povo brasileiro ao modo de ser subalterno e submisso – e buscar uma realidade que seja não a colonial isso era o que Caio Prado Júnior descrevia como uma verdadeira realidade a se obter. O Brasil se formou por meio do processo exploratório dos portugueses. Os lusitanos impuseram suas práticas econômicas ao contexto brasileiro. Os exploradores subalternizavam os outros.

Conforme Luis Cláudio Palermo no texto Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior: Uma Análise Comparativa Centrada no Contexto de Produção e nas Referências Teóricas dos Autores:

Portanto, construída a partir da dialética marxista e tendo como fundamento a história econômica, o livro de Prado Júnior propõe uma interpretação da História do Brasil que mostra o quanto a exploração do viés econômico feito predominantemente de fora para dentro produziu uma sociedade excludente, sem operar processos de ruptura significativos com as formas de dominação sociais e econômicas básicas” (PALERMO, 2014, p. 179).

Para Caio Prado Júnior a mestiçagem também foi um fator preponderante na formação social no Brasil: “A mestiçagem, que é o signo sob o qual se forma a nação brasileira, e que constitui sem dúvida o seu traço característico mais profundo e notável, foi a verdadeira solução encontrada pela colonização portuguesa para o problema indígena” (JÚNIOR, 1942, p. 85). Porém, o fator principal de sua interpretação da formação social no Brasil não é a miscigenação, mas a exploração.

Ele menciona também que o português, no processo colonizador, utilizou muito do índio para o seu projeto. Caio Prado Júnior diz o seguinte no texto já mencionado:

O caso da colonização lusitana foi outro. Aqui no Brasil tratou-se desde o início de aproveitar o índio, não apenas para obtenção dele, pelo tráfico mercantil, de produtos nativos, ou simplesmente como aliado, mas sim como elemento participante da colonização. Os colonos viam nele um trabalhador aproveitável; a metrópole, um povoador para a área imensa que tinha de ocupar, muito além de sua capacidade demográfica (JÚNIOR, 1942, p. 95)

Caio Prado Júnior ao discutir a questão do negro escravizado no Brasil diz o seguinte: “Uniformizado pela escravidão sem restrições que desde o início de sua afluência lhe foi imposta, e que, ao contrário da do índio, nunca se contestou, ele entra nessa qualidade e só nela para a formação da população brasileira” (JÚNIOR, 1942, p. 102).

E continua refletindo Caio Prado Júnior em seu livro *Formação do Brasil Contemporâneo*:

É esse, aliás, o caráter mais saliente da formação étnica do Brasil: a mestiçagem profunda das três raças que entram na sua composição. Separei-as na análise que fiz acima para poder acompanhar com mais facilidade a evolução particular de cada uma. Mas são juntas que devem figurar; juntas e mesclando-se sem limite, numa orgia de sexualismo desenfreado que faria da população brasileira um dos mais variegados conjuntos étnicos que a humanidade jamais conheceu (JÚNIOR, 1942, p. 102).

Explica ainda mais Caio Prado Júnior:

As três raças formadoras ainda continuavam a contribuir, embora em proporções várias, mas todas regular e efetivamente, com novas infusões de sangue puro e fresco: os brancos pela imigração; os pretos pelo tráfico; os índios pela incorporação contínua de indivíduos, às vezes de tribos inteiras que se submetiam em bloco à colonização. Assim, a par da maioria já mestiça, aparecem grupos menores, mas ainda de certo vulto, de elementos puros. Os pretos, em número esmagadoramente superior, os brancos e índios, provavelmente em equilíbrio numérico. A mestiçagem, signo sob o qual se formou a etnia brasileira, resulta da excepcional capacidade do português em se cruzar com outras raças. É a uma tal aptidão que o Brasil deve a sua unidade, a sua própria existência com os característicos que são os seus. Graças a ela, o número relativamente pequeno de colonos brancos que veio povoar o território pôde absorver as massas consideráveis de negros e índios que para ele afluíram ou nele já se encontravam; pôde impor seus padrões e cultura à colônia, que mais tarde, embora separada da mãe pátria, conservará os caracteres essenciais da sua civilização. (JÚNIOR, 1942, p. 104).

Percebe-se nessa reflexão de Caio Prado Júnior que os muitos e específicos portugueses colonizadores tiveram uma enorme capacidade de cruzar ou de ter relações sexuais com as outras raças – palavra usada por Caio Prado Júnior para se referir aos portugueses, índios e negros – e assim sendo aos poucos foi surgindo o que atualmente se concebe como Brasil: um país bastante plural e diversificado no quesito grupos étnicos.

Conforme Caio Prado Júnior no livro *Formação do Brasil Contemporâneo*:

Muito mais importante contudo, entre os fatores da mestiçagem brasileira, foi o modo com que se processou a emigração portuguesa para a colônia. O colono português emigra para o Brasil, em regra, individualmente. A emigração para cá, sobretudo na fase mais ativa dela em que responde ao apelo das minas, tem um caráter aventureiro em que — é a regra geral em

casos desta natureza — o homem emigra só. Daí a falta de mulheres brancas. Mesmo quando o colono pretende trazer família, ele deixa isso para mais tarde, para quando pisar em terreno firme e já puder prover com segurança à subsistência dela. Na incerteza do desconhecido, ele começa partindo só (JÚNIOR, 1942, p. 106).

Analisa-se mais uma vez a interpretação de Caio Prado Júnior acerca da formação social brasileira:

Nesse cenário em que três raças, uma dominadora e duas dominadas, estão em contato, tudo naturalmente se dispõe ao sabor da primeira, no terreno econômico e no social, e, em consequência, no das relações sexuais também. Não há na colônia, nem na distribuição geográfica, nem sobretudo na disposição social das três raças, um terreno comum em que as dominadas entrassem entre si em contato íntimo e duradouro (JÚNIOR, 1942, p. 106).

Conforme Renato Moscateli no texto *Um Redescobrimento Historiográfico do Brasil*: “Para o autor, a circunstância constitutiva da realidade brasileira, presente mesmo no início do século XX, seria a construção, no período colonial, de uma sociedade e uma economia voltadas acima de tudo para a satisfação do mercado externo” (MOSCATELI, 2007, p. 189).

Por conseguinte, Caio Prado Júnior explica e analisa o fenômeno da formação social da seguinte maneira: os muitos portugueses colonos e exploradores vieram ao Brasil unicamente com o intuito de adquirir riquezas e de construir uma colônia exportadora de produtos e para que essa ambição fosse concretizada eles cruzaram e tiveram relações sexuais com as negras e as índias que havia aqui. Primeiro com as índias e depois com as negras, após essas serem trazidas como escravas da África.

#### **4. HÁ ALGUM ELEMENTO EM COMUM NA DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO QUE OS AUTORES REALIZAM DO OBJETO FORMAÇÃO SOCIAL BRASILEIRA?**

Será que Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior expuseram pontos parecidos sobre a formação social brasileira? Neste capítulo essa pergunta vai ser respondida, pelo menos de forma objetiva. Primeiramente, vale ressaltar que o próprio objeto formação social brasileira foi um elemento de interesse dos três autores. Eles, como intelectuais brasileiros, iniciaram pesquisas bastante abrangentes sobre essa matéria com o intuito de compreender como se deu o processo de formação da sociedade brasileira. Se o Brasil é o que é atualmente, então como isso ocorreu? Assim, eles iniciaram as investigações dessa temática.

Segundo, cada um deles analisou e discutiu o fenômeno formação social brasileira

partindo de um caminho ou método. Isso quer dizer que nesse ponto eles não concordam, pelos menos metodicamente. Gilberto Freyre, por exemplo, influenciado por Franz Boas utilizava muito o culturalismo para desenvolver as suas análises sociais. Já Sérgio Buarque de Holanda munido do historicismo alemão e da compreensão de mundo proposta por Max Weber discutia temas sociais.

Por fim, Caio Prado Júnior usava o método histórico-dialético de Karl Marx para apresentar como se desenvolveu a formação social brasileira. É óbvio que esses autores não desconheciam a existência de outros métodos diferentes dos usados por eles. No entanto, eles usavam as metodologias que mais acreditavam serem adequadas. Isso não quer dizer, que não desenvolveram pesquisas sérias e relevantes. Pelo contrário cada um a seu modo e de uma forma científica discorreu sobre essa matéria inteligentemente. Sérgio Buarque de Holanda teve um ponto em comum com Caio Prado Júnior: analisaram questões de exploração no processo colonizatório da América.

Terceiro, houve um interesse no fenômeno da miscigenação tanto por Gilberto Freyre quanto por Caio Prado Júnior. Gilberto Freyre apresentando a miscigenação como sendo um fenômeno não excludente, mas formador. Ela foi o fenômeno integrador do negro escravizado e do índio usado. Para Caio Prado Júnior a miscigenação foi um fenômeno real, mas que ocorreu apenas por conta do interesse irrestrito e voraz de muitos dos lusitanos. Tanto os índios quanto os negros foram o caminho para o interesse comercial e mercantil de muitos homens portugueses.

Sérgio Buarque de Holanda não se deteve neste fenômeno como esses autores. Sua preocupação de fato era outra. Preocupava-se muito com a questão da fauna e da flora e da maneira como muitos dos lusitanos iriam se adaptar a uma região tropical e quente como a América do sul. Mas, também mostrou quais foram as raízes de um país colonial e escravocrata de economia rural: o personalismo que é justamente as características europeias impostas dos ibéricos ou portugueses aos negros e índios. Como, por exemplo, questões religiosas e econômicas. Logo, a miscigenação foi um ponto partilhado, mesmo que de uma forma diferente, por Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior.

Quarto, os três autores advogam interpretações específicas e singulares acerca do fenômeno formação social brasileira e sempre tocam no fenômeno colonização. E essas interpretações já foram discutidas e analisadas no capítulo anterior. Logo, isso não será repetido nesta parte. Contudo, a resposta da pergunta inicial é esta: os três autores discutiram o fenômeno da formação social brasileira usando métodos diferentes, específicos e de

interesse deles. Logo, a interpretação que tiveram do objeto formação social brasileira não foi semelhante nem comum, por conta da metodologia usada que era diferente para os três pensadores.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chega-se ao epílogo deste trabalho. Outras questões poderiam ser discutidas e analisadas nesta construção, no entanto o objeto formação social brasileira foi o fenômeno analisado por meio de alguns livros e artigos. Para isso alguns textos de Gilberto Freyre, de Sérgio Buarque de Holanda e de Caio Prado Júnior foram utilizados. Eles propuseram maneiras específicas de se analisar e compreender a sociedade brasileira.

Gilberto Freyre, por meio dos livros: *A Interpretação do Brasil: Aspectos da Formação Social Brasileira como Processo de Amalgamento de Raças e Culturas* e *Casa Grande & Senzala* propusera o fenômeno formador da sociedade brasileira: a miscigenação. A miscigenação é toda uma realidade de mistura, de troca, de relação social. O social brasileiro nasceu de uma junção pelo menos objetiva das três raças. Os muitos lusitanos se relacionaram com muitos índios e os muitos índios com os muitos brancos e os negros com os brancos e índios e assim surgiu, de forma lenta e gradual a sociedade brasileira. Isso se deu nos processos de cruzamento sexual e de combinação de culturas, conforme esse autor.

Ademais, Sérgio Buarque de Holanda propusera outra forma de compreender a formação social brasileira. Partindo das concepções de Max Weber e do historicismo alemão – historicismo que defendia o método de conhecer cada situação estudando o tempo específico dela. Ele defendeu a interpretação de que a formação social brasileira se deu por conta de um processo colonizatório de muitos portugueses no solo americano e para isso tiveram de se adaptar a fauna e a flora brasileira, que para eles não foi tão difícil por Portugal ser um país bastante diversificado também, por não terem conseguido implantar uma Europa na América. Sendo o personalismo português o catalizador da formação social brasileira.

Esses portugueses tinham uma natureza aventureira e a colonização foi patriarcal. O espírito das viagens e a exploração fazia parte da existência do europeu. Logo, a América recebe toda essa influência dos portugueses. Sérgio Buarque de Holanda dirá que desse processo nasce o homem cordial. Esse seria o resultado do processo colonizador que foi de origem patriarcal no familiar, rural no econômico e exploratório no político. Esse homem cordial seria: imediatista, do coração, mais voltado ao privado do que ao público, reacional e assim por diante.

Caio Prado Júnior, portanto, vai analisar a formação social brasileira do ponto de vista econômico. Os muitos portugueses que chegaram a América vieram unicamente com o objetivo comercial e exploratório. As especiarias, as riquezas, os elementos de valor deveriam ser subtraídos da colônia portuguesa e exportados para Portugal e para Europa. Com o aumento da colônia muitos portugueses vieram de Portugal residir na colônia portuguesa e tiveram aqui de usar os índios e negros para suas finalidades comerciais. As relações foram tanto sexuais quanto de trabalho.

Em relação ao problema de pesquisa mencionado na introdução a qual conclusão, pelo menos de forma provisória e sintética, foi possível chegar? A conclusão é esta partindo da discussão dos autores analisados: a formação social brasileira foi um processo mais complexo, não foi tranquilo nem pacífico e bastante demorado. As raças envolvidas nesse processo foram a lusitana ou portuguesa, a indígena e a negra. Isso aconteceu em um processo de colonização e de exploração que gerou um país chamado Brasil com especificidades, singularidades e características definidas e locais.

## REFERÊNCIAS

- BRITO, Ana Paula Gonçalves; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; SILVA, Brunna Alves da. **A Importância da Pesquisa Bibliográfica no Desenvolvimento de Pesquisas Qualitativas na Área da Educação**. Cadernos da Fucamp, 2021.
- COSTA, Marcos Antônio Silva. **Biografia Histórica: A Trajetória Intelectual de Sérgio Buarque de Holanda entre os anos 1930 e 1980**. Unesp, 2007.
- Dicionário Houaiss. 1 ed. Rio de Janeiro: 2001.
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. São Paulo: Editora Global, 2004.
- FREYRE, Gilberto. **Interpretação do Brasil: Aspectos da Formação Social Brasileira como Processo de Amalgamento de Raças e Culturas**.
- GONZALEZ, Lélia. **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira**. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p223-244.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo, Editora Companhia das Letras, 1995.
- JÚNIOR, Caio Prado. **Formação do Brasil Contemporâneo**. Editora Companhia das Letras, 1942.
- JÚNIOR, Israel Pacheco. **Considerações Sobre o Pensamento de Caio Prado Júnior: Colonização e Revolução**. Revista Discente da Pós-Graduação em Sociologia da UFPE,

Recife, v. 2, n. 1, 2018.

LIMA, Mário Hélio Gomes de. **Gilberto Freyre**. Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana, 2010.

LOPES, Márcia Helena; BARRETO, Cristiane Gomes; VITAL, André Vasques. **O Papel do Ambiente Natural no Pensamento Social Brasileiro: Contribuições a partir de Gilberto Freire, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior**.

MOSCATELI, Renato. **Um Redescobrimento Historiográfico do Brasil**. Revista de História Regional, 2007.

PALERMO, Luis Cláudio. **Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior: Uma Análise Comparativa Centrada no Contexto de Produção e nas Referências Teóricas dos Autores**. Revista Brasiliense de Pós-Graduação em Ciências Sociais, [S. l.], v. 13, n. 2, 2014.

PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. **Relendo Raízes do Brasil**. 2000.

REGO, Murilo Leão. **Sentimento do Brasil**. Revista da Usp, 1998.

VALLE, Camila Oliveira do. Influências Teóricas e Teoria em Gilberto Freyre: **Um Debate Sobre a Integração Social e a Democracia Racial**. 2017.